

O TRABALHISMO PERANTE OS GRANDES PROBLEMAS EUROPEUS

Numa entrevista concedida ao Quotidien, pouco tempo antes de subí ao poder, o sr. Ramsay Macdonald prestou as seguintes declarações que estão hoje a ser muito comentadas, em França e na Inglaterra:

Duas questões de ordem diversa preocupam actualmente todo o mundo, no momento em que, num país tão tradicionalista como a Inglaterra, se vê chegar um trabalhista ao poder:

Internamente, que reformas especificamente socialistas teria êle a coragem de tentar?

Qual seria a sua atitude em face dos difíceis problemas internacionais da hora presente?

No presente artigo, porei de parte aquilo que só diz respeito à Inglaterra. Sôbre os problemas nos quais a França está directamente interessada, eis, segundo notas muito precisas, as perguntas que fiz e as respostas que obtive:

— A maior parte dos jornais ingleses, comecei, dirigem, há já bastante tempo, uma violenta campanha contra a França. Basta conversar com algum dos vossos homens públicos, ou mesmo com a primeira pessoa que se encontre, para adquirir a certeza de que a irritação contra a França é geral.

«Que razões teem para isso? Ao certo, que censuras fazem ao nosso paiz?»

— Censuram-vos primeiramente e sobretudo a occupação do Ruhr, que é, a nosso vêr, a causa principal do mal-estar económico em que a Inglaterra, hoje, se debate.

«Censuram-vos por não terdes bastante consideração pelos superiores interesses da Europa, e absolutamente nenhuma pelos interesses particulares da Inglaterra.

«Aliás o aplauso moral e financeiro que a França dá ao exercito de certas pequenas nações, tende, no consenso geral, a tornar inevitável uma nova guerra. Francamente, a França enerva o nosso povo, que a si pergunta, sinceramente, se não se encontrará também na necessidade de, por sua vez, fazer preparativos militares e procurar novas alianças.

«Não quero falar, por enquanto, das inquietações que podem definitivamente levantar-se entre os nossos homens de finança e os nossos operários, certas combinações industriais de grande envergadura, cuja existência nos é revelada e que dir-se-iam dirigidas contra nós.

«Eu já nem quero mesmo falar das apreensões que provocam os poderosos armamentos aéreos, à nossa própria segurança.

A nossa imprensa assusta-se e o público está alarmado.

«A opinião inglesa está, em última análise, numa espécie de expectativa e de exaspêro que não devemos ignorar. Os nossos melhores espíritos estão inquietos e desconfiados.

E' absolutamente necessário falar claro — explicarmo-nos. E creio que estas explicações hão de dissipar todos os mal-entendidos desde que sejam ditadas pela franqueza e pela simpatia.

*
* *
*

«Falemos agora da Sociedade das Nações, propuz. Isenta como está de toda a fôrça armada, a Sociedade das Nações não parece ainda capaz de garantir a segurança de nação alguma.

«E' V. Ex.^a favorável, esperando melhores dias, a um pacto de garantia recíproca entre a França e a Inglaterra?

— Nós, socialistas ingleses, ainda menos que os socialistas de outro qualquer país, julgamos que a segurança de uma nação de maneira nenhuma deve depender ou pode resultar de armamento ou alianças particulares.

«Mas seja como fôr, deve ser evidente para todo o espírito de boa fé que a entrada da Alemanha na Sociedade das Nações constituiria a melhor garantia de segurança pelo que toca à fronteira leste da França. Porque não poderíamos pôr em dúvida que a Sociedade das Nações, se ela compreendesse verdadeiramente todas as nações — as da Europa, pelo menos — seria só por si um obstáculo insuperável a qualquer agressão.

«E' minha convicção profunda que nos é absolutamente necessário inaugurar imediatamente uma política internacional inteiramente nova... uma

política de bom senso e boa fé que torne enfim possível o desarmamento geral.

«Porque não havemos de ter a coragem de nos libertarmos das convenções e dos embustes da velha diplomacia? Se todos nós tivéssemos a coragem de desarmar resolutamente, teríamos pela primeira vez na história erguido em bases sólidas a paz de todos e a segurança comum.»

* * *

— Acredita V. Ex.^a que os democratas alemães sejam sinceramente pacifistas e estejam sinceramente dispostos a pagar as reparações?

— Estou absolutamente certo disso.

— Seja. Mas julga ao menos que eles serão em breve chamados a dominar os partidos da reacção?

— Em qualquer dos casos, nós, trabalhistas, temos a intenção de fazer uma política que favoreça, tanto quanto estiver em nossas mãos, o acesso dos democratas alemães ao governo do Reich.

«Se nos obstinásemos em prosseguir uma política que faz precisamente o jogo dos reaccionários alemães, seria uma loucura que nos custaria caro a todos, a vós Franceses, a nós Ingleses e à Europa inteira.»

* * *

Apresento outras perguntas:

— Das minhas recentes entrevistas com alguns amigos de V. Ex.^a, concluí que o partido trabalhista tem grandes esperanças na Sociedade das Nações...

— Sim. Nós cremos que estará aí a salvação. E podem ter a certeza que faremos tudo que estiver ao nosso alcance, para desenvolver e fortificar esta nobre, esta indispensável instituição.

«Nós quereríamos levar aos outros governos a mesma fé ardente, porque não somente a Sociedade das Nações pode contribuir com imensos serviços para a reconstituição material da Europa, mas ela contribui também para desenvolver este sentimento de solidariedade internacional que queremos antepôr às detestáveis invejas e rivalidades nacionalistas que separam os povos.»

«A Sociedade das Nações? Ah! se se quizesse somente utilizar os meios que ela põe à nossa disposição!»

«É torna d'oravante inútil o antigo e execrável sistema das alianças rivais destinadas a manter o equilíbrio europeu, mas terminando, de facto, por exasperar os antagonismos e as mutuas desavenças até que um dia, um campo acusando o outro, desencadeie a fatalidade!»

«A Sociedade das Nações, é a união permanente dos homens honestos contra toda a intenção malfazeja.»

«Duvidar de que a Sociedade das Nações possa desempenhar a tarefa para a qual nós a criámos, é chamar novas guerras, é votar o mundo ao sofrimento e a civilização á morte.»

* * *

— O seu governo trabalhará para fazer admitir a Alemanha na Sociedade das Nações?

— Certamente. E é imediatamente que nós vamos trabalhar para isso. A Sociedade das Nações não deve ficar sendo o instrumento de algumas grandes potencias às quais se juntam, para fazer número, um certo número de países pequenos. E' o universo inteiro que lá se deve reunir para deliberar acerca dos seus negócios e, consequentemente, os liquidar com justiça.

«Já não queremos mais guerra. E' necessário tornar a guerra impossível.»

— E então, a Rússia?

— Pediremos para que a Rússia assim como a Alemanha sejam imediatamente convidadas a fazer parte da Sociedade das Nações.

— O partido trabalhista já estudou as condições dentro das quais a Alemanha e a Rússia podiam ser admitidas?

— Não vejo nenhuma condições a impôr-lhes, senão aquelas que são determinadas pelo pacto de todas as nações.

«A Sociedade das Nações é uma instituição que deve pairar sempre muito ao alto. Deve imperar ali uma grande serenidade para a conquista do bem geral e por conseguinte o espírito da egualdade e da fraternidade.»

* * *

— Que pensa da influência que poderá ter, para o futuro das democracias e para a paz do mundo, a concentração da imprensa nas mãos de alguns agentes de negócios, já de si financeiros ou facilmente dirigidos pela alta finança?

— Magna questão!... que preocupa extraordinariamente o nosso partido trabalhista e deve preocupar os democratas de todos os países.

«Poderosos consorcios ou trusts se estabeleceram recentemente na Inglaterra, na Alemanha, e segundo me dizem na França e nos Estados Unidos. Estes monopólios nacionais teriam até tendências para se agruparem internacionalmente, sob um aspecto secreto.»

«Até aqui o partido trabalhista, muito embora seriamente preocupado em salvaguardar a democracia, de emprêsas tão perigosas, não conseguiu realizar ainda nenhum plano prático para o estabelecimento dessa salvaguarda. E' um problema difícil.»

«E' evidente também que as agencias de informação — por uma fiscalisação do Estado ou mesmo internacional — muito próximamente se verão na impossibilidade de falsificar os pactos, com o fim de criar, artificialmente, movimentos de opinião.»

«Preservar da corrupção a imprensa e as agencias, subtraí-las ao poder das oligarquias modernas, é uma tarefa que presentemente se impõe a todos os governos e a que nós não deixaremos de dedicar a nossa melhor atenção.»